



As Margens da Alegria e Os Cimos, de João Guimarães Rosa: uma análise dos contos a partir de Paul Tillich

As Margens da Alegria e Os Cimos, by João Guimarães Rosa: an analysis of the short stories from a Paul Tillichian perspective

Viviane de Sousa Rocha¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar dois contos de João Guimarães Rosa, a partir da perspectiva tillichiana. Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado intitulada: *As Margens da Alegria e Os Cimos, de João Guimarães Rosa: uma análise dos contos sob a ocular de Paul Tillich*. Tillich é a referência teórica para este estudo. Elegeu-se Paul Tillich e sua obra *Teologia da Cultura*, que trata as questões da existência e da finitude como experiências culturais humanas. A metodologia é, portanto, de cunho bibliográfico, por meio da revisão de literatura. A pesquisa conclui que a *preocupação última* se manifesta não somente de forma explícita, mas também implícita, não somente em ambiente religioso, mas também, no ambiente profano, na cultura e na arte.

Palavras-chave: Contos; João Guimarães Rosa; Paul Tillich; Preocupação última; Teologia da cultura.

Abstract: This article aims to analyze two short stories by João Guimarães Rosa from a Tillichian perspective. It presents an excerpt from the author's master's dissertation entitled "*The Margins of Joy*" and "*The Heights*," by João Guimarães Rosa: *an Analysis of the Short Stories from a Paul Tillichian Perspective*. Paul Tillich provides the theoretical framework for this study, particularly through his work *Theology of Culture*, which addresses questions of existence and finitude as dimensions of human cultural experience. The study adopts a bibliographic methodology based on a literature review. The research concludes that *ultimate concern* manifests itself not only explicitly but also implicitly, and not only within religious contexts but also within the secular sphere, in culture and in art.

Keywords: João Guimarães Rosa; Paul Tillich; Short stories; Theology of culture; Ultimate concern.

Introdução

Este artigo analisa dois contos de João Guimarães Rosa, a partir da perspectiva tillichiana. Esta análise se fará por meio do diálogo entre Ciência da Religião e Literatura, o que é denominado *Teopoética*.² Ele resulta da dissertação de mestrado intitulada: *As*

¹ Doutoramento em Portugal em curso, Estudos Interdisciplinares da Literatura na Universidade Trás-os-Montes Alto Douro (2026). Mestra em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora (2023). Especialista em Estudos Literários (UFJF). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (UFJF). Professora da rede Municipal de Juiz de Fora há 20 anos. E-mail: al2025110533@alunos.utad.pt. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/2786593017865337>

² A Teopoética é, portanto, o nome que se dá ao(s) diálogo(s) entre o texto literário e a reflexão teológica e os estudos – ciências – de religião. Trata-se de diálogo potencialmente fecundo e enriquecedor para todos



Margens da Alegria e Os Cimos, de João Guimarães Rosa: uma análise dos contos sob a ocular de Paul Tillich, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na área de Filosofia da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora (2023). Esses dois contos têm como protagonista um menino que se depara com a finitude em momentos distintos de sua existência. *Teologia da Cultura*, de Paul Johannes Tillich, é a referência teórica para este estudo. Esse livro conceitua e discute diversos temas, como religião, existência, finitude e infinitude, símbolos e linguagem, tempo e espaço, dentre outros.

O estudo proposto aborda, a partir da narrativa rosiana, os índices literários presentes nesses contos, os quais se inserem em questões pensadas na linha de pesquisa *Abordagens Filosóficas e Psicológicas da Religião*, na área de *Filosofia da Religião*. São eles: linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude (ou finito e infinito); tempo; espaço³. Tais temas refletem sobre a busca existencial do Menino, personagem dos dois contos, escrito com letra maiúscula e em plena infância, parece vivenciar e experienciar a finitude da existência, expressa em dois momentos distintos, em narrativas escritas em terceira pessoa. O pequeno parece representar a vida humana e o olhar para a finitude.

Além disso, através da revisão de literatura, outros autores são abordados, como Bosi, Nunes e Rosenfield, ainda que como fonte secundária, pois interessa-nos observar, de modo comparativo, outras análises feitas sobre os contos *As Margens da Alegria e Os cimos*, de *Primeiras Estórias*. A metodologia é, portanto, de cunho bibliográfico, por meio da revisão de literatura.

Os contos supracitados foram selecionados como objeto de pesquisa devido ao fato de se aproximarem de questões existenciais, relativas à finitude e à infinitude. Além disso, são contos menos explorados por pesquisadores e críticos, fazendo parte da obra rosiana da década de 1960 e abordando o tema da infância. Após a escolha temática, foi realizado o levantamento bibliográfico de livros, teses, dissertações e artigos.

O levantamento bibliográfico oportunizou encontrar a tese de Rodrigues (2014): *Escrevendo a lápis de cor: infância e história na escritura de Guimarães Rosa* que

os que dele participam, ou seja, teólogos e cientistas da religião de um lado e críticos literários do outro. (Caldas Filho, 2022, p. 13)

³ Estes índices literários ou temáticos são desenvolvidos em capítulos, na dissertação. Eles serão melhor explicitados no decorrer do artigo, assim como a relação deles com os conceitos de Tillich, presentes na obra *Teologia da Cultura*.



explicita sobre a questão da infância: “é necessário, portanto, destacar que a infância, de forma geral, também foi pouco estudada pelos pesquisadores rosianos [...]” (Rodrigues, 2014, p. 8). A pesquisadora expõe na sua tese os trabalhos já existentes sobre infância e diz que são raros pesquisadores de Rosa que trabalham esta temática; apesar de existirem trabalhos sobre a infância, eles são poucos, se considerados os extensos registros de pesquisas sobre o autor brasileiro. Essa lacuna, aliada à escassez de trabalhos que abordem o tema da infância nas obras do autor, reforça o interesse pela temática da pesquisa, a infância e o olhar para a finitude. O trabalho final da especialização teve como título: *As Veredas, o Sertão, a Vida: a fé de Riobaldo* (Rocha, 2021a). Os trabalhos (resenha da obra *Dinâmica da Fé* e o artigo completo resultante do trabalho final da especialização) foram publicados na revista *Correlatio* (Rocha, 2021b). O personagem de Rosa, retratado em seu livro *Grande Sertão: Veredas*, foi o objeto de recorte para o estudo, tendo como referência teórica o livro *Dinâmica da Fé*, de Paul Tillich (1985).

Apesar das diferenças quanto ao objeto de análise literária, os estudos sobre o tema da fé do personagem Riobaldo trouxeram o suporte teórico de Paul Tillich, permitindo certa continuidade entre as investigações levantadas na especialização e nesta dissertação de mestrado, conduzida de modo mais aprofundado. O conhecimento adquirido durante a especialização em Ciência da Religião possibilitou o reencontro com as obras de Rosa e a leitura de Paul Tillich, dentre as quais destacam-se: *Dinâmica da Fé* e *Teologia da Cultura*.

A hipótese deste trabalho é a seguinte: os sentidos atribuídos à viagem da criança metaforizam a própria vida e existência⁴. A *travessia* do Menino remete a cenas que interpelam, por exemplo, a existência, a finitude e a infinitude, movimento que pode ser percebido na leitura dos dois contos de Guimarães Rosa. A presença de questões e temáticas referentes à infância e à existência, expressas pelo olhar da criança, permite considerar a literatura pelo prisma, que remete às ideias de finitude e infinitude, tempo, espaço e linguagem. Estes conceitos, presentes na *Teologia da Cultura*, encontram-se

⁴ Sobre os conceitos de vida e existência, para a Filosofia da Religião, Tillich afirma que o termo existência vem do latim *existere*, que significa *emergir*, e designa, na sua raiz, a palavra *ser*, em contraposição a *não ser* (Tillich, 2009, p. 128). Observa-se a referência de Tillich à filosofia de Kierkegaard (Tillich, 2009, p. 145): “A existência é a síntese do infinito e do finito”. Já a vida é definida, em *Teologia Sistemática*, como “sendo a atualização do ser potencial. [...] Todo o processo de vida apresenta a ambiguidade de elementos positivos e negativos misturados de tal forma que se torna impossível separar o negativo do positivo: a vida é ambígua em cada momento (...) a vida não é nem essencial nem existencial, mas ambígua” (Tillich, 1987, p. 408).



vinculados ao entendimento de religião como *preocupação última* estreitamente relacionada à cultura e à arte.

Nunes expõe que

para Guimarães Rosa, filosofia e religião vivem em constante intertroca na trama poética do texto ficcional. E o poético, inerente à ficção, é o que segura, expande e transmite ao leitor a junção entre poesia, religião e filosofia, como demonstra o tema da viagem [...] (Nunes, 2013, p. 274).

A importância da linguagem, assim como sua aproximação com a cultura e a religião, o popular e o erudito, o mito e a poesia, está presente em Rosa. A respeito da poesia e do mito, Nunes (2014, p. 222) afirma que a “aliança entre ambos é o que assegura à obra de Guimarães Rosa a possibilidade de a interpretarmos sempre renovadamente, como se ela tivesse aparecido hoje e a lêssemos pela primeira vez”. A atualidade da linguagem de Rosa recria, a cada leitura, uma cultura providencial para interpretar a vida. Tal genialidade, presente na escrita desse autor, é mais uma justificativa da pesquisa. A linguagem humana e a religião são os limites do trabalho, seguindo a expressão de Tillich (2009, p. 88): “a cultura é a forma de religião. Este fato é especialmente óbvio na linguagem que ela usa”. Neste estudo, a religião é abordada, principalmente, como “preocupação última”, com base na linguagem dos contos e naquilo que a obra de Rosa sinaliza a respeito dos índices temáticos já citados: religião compreendida de forma ampla e, nesse sentido, relacionada à finitude e à infinitude.

Apesar de haver muitos estudos acadêmicos a respeito da obra de Rosa, a relevância deste trabalho não se encerra nisso, como apontam Bosi (2001, 2003) e Nunes (2013, 2014). Rosa aboliu fronteiras e tratou de assuntos atemporais, que atualizam questões e dialogam com cada um de seus leitores. Fontes inesgotáveis de interesses variados, suas obras apresentam um caráter inovador, com aspectos únicos da linguagem que se convertem em pontos de atenção e de importância para as literaturas brasileira e universal. Estudando Guimarães Rosa, à luz da *Ciência da Religião*, são possíveis outras interpretações, nas quais os desdobramentos ganham novos fundamentos, diferentes daqueles vistos por pesquisas antes realizadas por mim na graduação em Letras. A leitura permite interpretar os contos a partir da vivência do leitor e das leituras anteriores.

Para tanto, proponho a seguinte questão de maneira geral: como a literatura pode contribuir para um entendimento menos axiomático não apenas dos temas religiosos ou



das religiões, mas também de outros temas polêmicos decorrentes destas temáticas, ancorados pelo arcabouço teórico da Ciência da Religião, tais como a linguagem, os símbolos, a infância, a existência, a finitude, a infinitude, o tempo e o espaço? Quais as relações simbólicas trazidas pela linguagem literária de Rosa, que colocam o leitor em diálogo com as questões filosóficas anteriormente citadas? É possível demonstrar a presença de questões existenciais que apontam para a religião e para o *incondicional*⁵, nos contos?

O presente artigo também se justifica por trazer temáticas importantes para a filosofia da religião e para a literatura, com a referência teórica de Paul Tillich. Ele foi um dos filósofos e teólogos mais influentes do século XX, representando o marco teórico desta contribuição. Por outro lado, na literatura brasileira, Guimarães Rosa foi um dos mais consagrados escritores, cujas obras servem como inesgotáveis objetos de pesquisas. Assim, o tema proposto é de relevância, tanto pela sua natureza literária e cultural quanto pelo aspecto filosófico e religioso.

Esse artigo encontra-se dividido em duas seções após a introdução. A primeira seção aborda a *Teologia da Cultura*, o marco teórico, na qual são descritas as principais noções sobre a referida obra de Tillich, tais como: a visão geral desta e definição do conceito de religião; discussão sobre a relação entre religião e cultura, linguagem e símbolos; relação da *Teologia da Cultura* com outros aspectos da vida; relação do pensamento de Tillich com a arte em geral; questão sobre tempo e espaço, na perspectiva do autor, bem como sua relação com os contos. Na segunda seção são apresentados e

⁵ O termo *incondicional*, para Tillich, possui afinidade com a noção de *preocupação suprema* ou *preocupação última*, *ultimate concern*, o infinito. Segundo o livro *Ultimate Concern*: “*In that sense, infinite, unconditional, and ultimate all mean the same? Dr. Tillich: Yes, although they vary in their origin. For instance, I would speak of ‘infinite passion’ with Kierkegaard. Although I would not speak of ‘unconditional passion’ or ‘infinite interest,’ I certainly would speak of ‘unconditional imperative’ in the Kantian sense of the term. And I would say ‘ultimate concern’ in order to compare it with the preliminary concerns that ordinarily fill our life. These are nuances according to the context in which the words are used*” (Brown, 1965, p. 30). Para Tillich, segundo o livro acima citado, os termos *incondicional*, *infinito* e *preocupação última* ou *suprema* são afins, ele diz bem explicitamente que não são sinônimos, eles variam de acordo com o contexto! Aparecendo, neste trabalho, com essas significações inter-relacionadas. Segundo Higuier (2011, p. 35), para Tillich, o incondicionado não é um ser, nem a totalidade do ser, mas uma qualidade presente em toda experiência da realidade. Por isso, toda experiência do real apresenta uma dimensão absoluta ou religiosa. O termo traduzido como *preocupação última* será preferível para utilização em todo o texto deste trabalho, ainda que possam aparecer também outros termos como *incondicional* ou *preocupação suprema*. O livro *Teologia da Cultura* discute a diferença entre *incondicional* e *incondicionado*: “Deus é incondicionado e, por isso, é Deus, mas o ‘incondicional’ não é Deus. A palavra Deus está repleta de símbolos concretos que expressam nossa preocupação suprema [...]” (Tillich, 2009, p. 62).



analisados os contos que foram selecionados como objeto de estudo. No final, apresentam-se as considerações finais.

1. Teologia da cultura

Este tópico apresenta algumas considerações gerais acerca da produção de Tillich, especificamente no que se refere à obra *Teologia da Cultura*, cujo volume consiste em uma reunião de textos escritos a partir do ano de 1919. Segundo Pinheiro na apresentação brasileira da obra editada pela Fonte Editorial no ano 2009, “a partir de 1919 começou a produzir textos que mais tarde foram reunidos num volume que cobriu os anos de 1919 a 1926” (Tillich, 2009, p. 26) e recebeu o título de *A dimensão religiosa da cultura*. Já no prefácio escrito pelo próprio Tillich (2009, p. 33), o título *Teologia da Cultura* indica seu propósito: trata-se de uma abreviação da palestra publicada como *Über die Idee einer Theologie der Kulture* (Sobre a ideia de uma Teologia da Cultura). A vasta produção reunida foi publicada no ano de 1959 e os textos de referência, em sua maioria, foram alterados e são publicações de datas diversas (Tillich, 2009, p. 34-35).

Pode-se notar que o livro *Teologia da cultura* consiste em uma complexa reflexão do filósofo e teólogo alemão-estadunidense, reunida e organizada em quatro partes. A apresentação, feita por Jorge Pinheiro, e o prefácio, de Paul Tillich, indicam a importância da relação estabelecida entre religião e cultura. Primeiramente, são expostos os conceitos básicos necessários para uma *Teologia da Cultura*. Tais conceitos são fundamentais tanto para o leitor leigo, não acostumado com a linguagem tillichiana, quanto para os estudiosos de sua obra. Nessa primeira parte do livro de Tillich, consta ainda um capítulo sobre *Conflito entre tempo e espaço*, cujos índices muito interessam para a leitura dos contos selecionados de Rosa, uma vez que apontam questões relacionadas ao tempo e ao espaço, os quais aparecem, nos contos, sob a forma de símbolos, como, por exemplo, o relógio, a noite, os cimos e o dourado. Destaca-se, assim, como a linguagem de Rosa pode se referir ao tempo e ao espaço.

Na segunda parte, o autor relaciona arte e religião, discutindo símbolos e sinais. Em *Natureza da linguagem religiosa e Protestantismo e estilo artístico* (Tillich, 2009, p. 113), Tillich propõe algumas utilizações concretas dos conceitos demonstrados na primeira seção do livro, dentre as quais podemos destacar a análise da obra *Guernica*, de Picasso. Tillich debate variadas temáticas, que englobam desde a teologia até a física,



passando pela psicologia, linguística, educação, filosofia, religião e cultura, abordadas em diferentes contextos.

A terceira parte trata de *Comparações Culturais*, ou seja, analisa os diferentes resultados possíveis da aplicação dos conceitos da *Teologia da Cultura* em contextos e sociedades diferentes (e, por vezes, antagônicas). Durante o desenvolvimento do livro, Paul Tillich propôs-se dialogar teoricamente com dois pensadores de maneira direta, a saber: Albert Einstein e Martin Buber. Com Einstein, ele traça os princípios de um diálogo entre a ciência e a teologia. Com Buber, por outro lado, propõe uma discussão sobre o pensamento protestante e o judaico, dentro do contexto da Teologia da Cultura.

Na quarta e última parte, Tillich (2009) apresenta uma *Comunicação da mensagem cristã: questão para ministros e professores cristãos*. Ela parece um tanto separada das partes anteriores. Porém, talvez por se tratar de um volume composto por textos publicados separadamente e apenas posteriormente reunidos, essa seção aparece no livro como conclusão. Higuete (2019, p. 13), em trabalho para a revista *Correlatio*, aborda conceitos importantes que estruturam a Teologia da Cultura. Etienne Higuete expõe que a teologia de Paul Tillich

elaborou-se como um constante diálogo e confronto com os movimentos sociais, políticos, filosóficos, científicos e artísticos do século XX, no afim de descobrir sua dimensão religiosa suprema, suas chances e seus desvios, suas exigências e apelos (Higuete, 2019, p. 13).

Paul Tillich (2009), aponta para a relação do ser humano com a religião, a cultura e a vida. Aborda, assim, a complexidade da existência, seus paradoxos, sua ambiguidade e a busca por seu sentido último. Em última instância, trata da fé, pois define a religião como a preocupação suprema que “está presente em todas as demais preocupações, consagrando-as” (Tillich, 2009, p. 83). Em *Teologia da Cultura*, a religião aparece em diálogo com a cultura, a filosofia e a arte. Merece citação sua definição de que a “religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião” (Tillich, 2009, p. 83). Em resumo, a “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma de religião” (Tillich, 2009, p. 83). Além de muito conhecida, essa citação é potente, pois é a partir dela que o autor desenvolve a ideia da religião como *preocupação última* em sua obra.

Observa-se, como relevante e presente em toda sua obra, o problema da relação



entre religião e cultura. Ela sempre esteve no centro de suas preocupações, ou seja, “a dimensão religiosa presente em diversas esferas da atividade cultural humana” (Tillich, 2009, p. 33). Segundo Tillich, a religião é a dimensão da profundidade na totalidade do espírito humano (Tillich, 2009, p. 44), de modo que seu livro se desdobra sobre o tema da importância da relação da religião com a cultura.

Para Tillich (2009, p. 45), “a religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana [...]”. Ao tratar a temática da existência, o autor pensa a religião como aspecto de profundidade e sentido na totalidade do espírito humano, problematizando como se entende a religião, em seu sentido restrito e mais comum, e explicitando, através da passagem de Apocalipse, que “segundo o visionário que escreveu o último livro da Bíblia, não haverá templos na Jerusalém celestial, pois Deus será tudo em todos” (Tillich, 2009, p. 45). Ou seja, a separação entre sagrado e secular é explicada como alienação e pecado. Na Jerusalém celestial, Deus será tudo em todos, não haverá separação, não haverá religião. E a religião faz-se, então, estrita, alienada e separada. No entanto, quando tomada em sua forma ampla, como *preocupação última*, encontra-se presente na vida, na existência e na experiência humana. Assim, Tillich (2009, p. 82) esclarece que “a segunda consequência do conceito de religião é o desaparecimento da separação entre sagrado e secular [...]”.

Essa colocação do autor interessa à pesquisa, na medida em que a existência se torna um índice recorrente nos contos de Guimarães Rosa, *A Margem da Alegria e Os Cimos*. Seguindo os aspectos religiosos, deve-se voltar o olhar para o que é último, supremo, infinito e incondicional, afinal, segundo Tillich “a religião, no sentido básico e mais abrangente da palavra, é ‘preocupação suprema’ [*ultimate concern*], manifesta em todas as funções criativas do espírito [...]” (Tillich, 2009, p. 44).

A *filosofia da existência*, como explicita Tillich (2009, p. 128), tem esse nome devido à maneira particular de formular sua oposição crítica ao racionalismo, especialmente no que diz respeito à distinção tradicional entre *essência* e *existência*. “A palavra ‘existência’ vem do latim *existere*, que significa ‘emergir’, e designa, na sua raiz, a palavra ‘ser’ na totalidade do *Ser*, em contraposição a ‘não ser’” (Tillich, 2009, p. 128). Esclarece Tillich que a “distinção escolástica entre *essência* e *existência* foi o primeiro passo na direção da adoção de um significado mais denso para a palavra ‘existência’” (Tillich, 2009, p. 128). Segundo Tillich (2009, p. 82-83), “o universo é o santuário de



Deus [...] A preocupação suprema está presente em todas as demais preocupações, consagrando-as. Essencialmente não há separação entre sagrado e secular. Estão juntos”.

De acordo com Claudio de Oliveira Ribeiro (2010, p. 33), em artigo publicado na revista *Numen*, Paul Tillich ofereceu, via a obra *Teologia da Cultura*, um testemunho da natureza não-totalitária do cristianismo. Quanto à importância dos símbolos, Gross expõe que “uma vez que o incondicional sempre está além da capacidade de ser abarcado pelo ser humano, inclusive no âmbito cognitivo, ele só pode ser expresso simbolicamente” (Gross, 2013, p. 70).

Para Zilles (2006, p. 263), ao explicitar que Tillich relaciona o mundo profano com seu fundamento último, a fundação no infinito só se manifesta de maneira indireta. Zilles (2006, p. 263) expõe que, segundo Tillich, não se pode falar adequadamente em linguagem direta, mas somente em mitos e símbolos. O discurso simbólico é o único que permite expressar a realidade transcendente, uma vez que proporciona a dimensão de profundidade à linguagem humana. O símbolo enraíza-se na esfera do Santo, do mistério. Zilles (2006, p. 264) declara que Paul Tillich traz Deus para o homem na cultura e na vida cotidiana, tendo a experiência como ponte:

Traduz afirmações teológicas para o mundo de experiência da realidade atual. Traz Deus para o homem na cultura e na vida cotidiana, pressupondo a mediação entre Deus e experiência, uma ponte que determina a profundidade da existência humana pela experiência do transcendente. Tillich parte do pressuposto de que Deus, através da experiência humana, recebe uma conotação compreensível (Zilles, 2006, p. 264).

A produção teológica e filosófica de Tillich tem sido objeto de estudo nos campos protestantes e católicos, de modo que um dos aspectos básicos para sua análise consiste na consideração de uma *preocupação última* em todas as religiões, advinda de uma presença espiritual do sagrado na vida humana. Além disso, pode-se apontar a dinamicidade e a capacidade de abertura permanente de Tillich em sua teoria (Ribeiro, 2010, p. 31; Teixeira, 2006, p. 31).

Assim, Tillich afirma, sobre a relação da religião com a cultura, que a “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma de religião” (Tillich, 2009, p. 83). O conceito *Ultimate concern* corresponde à “substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião” (Tillich, 2009, p. 83). Tal afirmação pode ser interpretada e compreendida no sentido de



que, em toda forma de cultura (na vida do ser humano, na sociedade, nas artes, na política, na educação, na ética, na ciência, dentre outras esferas), existe um sentido profundo, uma sustentação, substância – *Gehalt*. Higuete explica que, para Tillich, a análise da totalidade da cultura é tarefa filosófica. A tríade forma (*Form*), conteúdo (*Inhalt*) e substância (*Gehalt*), que usa para analisar as culturas, já está presente em Hegel (Higuete, 2008, p. 134).

Essa substância possibilita a significação e o sentido, isto é, na cultura, há a preocupação última acerca do infinito, do incondicional, de modo que remete à profunda, paradoxal e ambígua relação entre a existência humana e a religião. Ou seja, a *preocupação última* pode ser expressa não só em âmbito sagrado, mas também no âmbito profano.

A experiência do transcendente e da fé mostra-se na linguagem, nos símbolos, na cultura, na arte, na literatura e, por exemplo, nos contos de Guimarães Rosa, que mesmo não sendo religiosos, trazem de forma implícita, uma *religiosidade* expressa através dos símbolos e da linguagem. De fato, o símbolo assume suma importância na obra de Tillich. O incondicional está além da capacidade de ser abarcado pelo ser humano. O discurso simbólico é o único que permite expressar a transcendência, dando-lhe profundidade de sentido na linguagem humana (Gross, 2013, p. 70; Zilles, 2006, p. 263). É assim que Tillich traz Deus para a finitude humana.

2. Leitura dos contos sob o olhar da filosofia e teologia de Paul Tillich.

“É o amor que nos torna ‘graciosos’” (Paul Tillich, 2009, p. 196).

Essa leitura dos contos se fará tendo o livro *Teologia da Cultura*⁶ como referência teórica principal e outros livros de Paul Tillich. A obra *A História do Pensamento Cristão* (2000), será trazida como fonte secundária para ampliação do conhecimento da presença de alguns conceitos (amor, graça, luz) e influências em contexto cristão, tais como por exemplo o pensamento agostiniano e o franciscanismo.

O livro *Teologia da Cultura*, no capítulo *Dois tipos de Filosofia da Religião*, desenvolve temas que também se encontram em *História do Pensamento Cristão* (2000). Conforme esse livro, a luz, símbolo do conhecimento e do ser emana do uno abissal, fonte

⁶ Publicado no ano de 1959 com o título *Theology of Culture*.



e substância de todo o ser, e a luz é o bem em todas as coisas, “a luz é símbolo não apenas do conhecimento, mas também do ser” (Tillich, 2000, p. 107). Mais adiante o livro expõe que a luz divina é inata à alma humana, “os franciscanos diziam que essa luz divina e esses princípios eram inatos e que, portanto, participamos neles [...]”. “Há, na alma, um ponto de identidade que precede qualquer ato especial de conhecimento. Diríamos em outras palavras que qualquer ato de conhecimento é sempre religioso” (Tillich, 2000, p. 190). Em outra passagem surge a luz relacionada à

famosa doutrina da luz interior que também foi utilizada pelos movimentos sectários e por todos os místicos medievais e da época da Reforma, e que, em última análise, está por detrás, até mesmo, do racionalismo do iluminismo (Tillich, 2000, p. 190).

Portanto, a luz surge em determinados momentos na história do pensamento cristão e na estória de João Guimarães Rosa, nos contos, com uma simbologia e intuição, o que indica a presença de algo além da transcendência, do conhecimento, e da *preocupação última*. Sem anacronismos, recorre-se ao livro para situar e contextualizar os termos simbólicos que em períodos antigos eram chamados “nomes”, não símbolos. “Os teólogos escreviam sobre o significado simbólico de todas as coisas que dizemos a respeito de Deus. Mas não empregavam a palavra 'símbolo' nessa época. Em vez disso falavam de ‘nome’ [...]” (Tillich, 2000, p. 106).

Na tradição agostiniana, segundo o livro *História do Pensamento Cristão*: “a fonte de toda a filosofia da religião é a presença imediata da presença de Deus na alma” ou, como o autor prefere “a experiência do incondicional, do supremo, em termos da preocupação suprema ou incondicionada” (Tillich, 2000, p. 125). Trata-se do *prius* de todas as coisas” (Tillich, 2000, p. 125). E no livro *Teologia da Cultura*, Tillich esclarece a importância do método ontológico da filosofia da religião de Agostinho e percebe-se a influência desse pensamento na relação entre religião e cultura:

O método ontológico da filosofia da religião exposto por Agostinho e seus seguidores, e sua reaparição em diversas formas na história do pensamento, se for criticamente reinterpretado por nós, é capaz de fazer para a nossa época o que realizou no passado, tanto para a religião como para a cultura: superar, sempre que possível, pelo pensamento, a distância entre religião e cultura, reconciliando interesses que não são desconhecidos dessas duas realidades mas que têm estado separados (Tillich, 2009, p. 67).



Nos contos, a cultura e a religião se aproximam pelo símbolo, pela linguagem, pelo enredo da estória de encontros, descobertas e da viagem. Por exemplo, a luz estará relacionada ao surgimento do diferente, do novo, na natureza, ao surgimento do tucano e do vaga-lume, mas também remetendo à infinitude e à transcendência. No olhar do menino e na busca de viver o amor, a esperança, a fé, às descobertas, ao conhecimento, à *preocupação última*, apontam para o sagrado, o numinoso no horizonte da experiência vivida diariamente pelo Menino nas manhãs. Assim, ao olhar para o cimo das árvores, olhar para o céu e para a luz, olhar para seu próprio interior e seus sentimentos ele descortina seu próprio ser e o mundo ao redor: além das margens da alegria, há a transcendência. O final é luminoso de alegria nos dois contos.

Calvani (2010, p. 264) expõe que a pertinência mútua entre religião e cultura é uma das muitas “contribuições de Tillich para a teologia contemporânea”. A teologia e a filosofia caminham distintas, são duas disciplinas, mas também nesse limite estão presentes na cultura, na religião e na literatura. Tanto a teologia quanto a filosofia têm importância para a proposta desta análise dos contos de Rosa a partir de Paul Tillich que expôs a *preocupação última* como presença em todas as outras preocupações humanas, “*ultimate concern* manifesta em todas as funções criativas do espírito [...]” (Tillich, 2001, p. 44).

Paul Tillich no livro *História do Pensamento Cristão* faz menção ao seu artigo *Dois tipos de Filosofia da Religião em Teologia da Cultura* (Tillich, 2000, p. 190). A partir desses livros se conhece mais sobre a religião, sobre a filosofia da religião, a história do pensamento cristão, o passado e também a cultura. O diálogo entre passado e presente de forma ainda atual é significativo para o futuro. Há uma discussão das ideias de filósofos, teólogos, cientistas e artistas. Isso importa para o estudioso da Ciência da Religião. Há necessidade de se ter um olhar para o passado, o presente e para o futuro. Precisa-se ter um conhecimento da cultura de forma geral, dos clássicos e da Bíblia no contexto cristão, no qual estamos inseridos para se realizar um estudo da religião.

2.1. Análise dos contos a partir de índices literários recorrentes na narrativa

A análise dos contos a partir de índices literários (linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude ou finito e infinito; tempo; espaço) será feita observando a teoria de Tillich. O conceito de *preocupação última*, ou como é apresentado na tradução



do livro da editora Fonte Editorial (Tillich, 2009, p. 44), *preocupação suprema, ultimate concern*, servirá como viés de leitura, assim como a teologia e filosofia de Tillich a partir da teoria expressa em *Teologia da Cultura* e exposta nos primeiros capítulos desta dissertação. Mas também outros livros do autor serão considerados para a análise. Estes são alguns temas a serem ressaltados: a linguagem, os símbolos, o olhar de Menino, ou seja, a *meninice*, a infinitude e a finitude, a existência, kairós e cronos, o tempo e ambiguidades presentes no espaço e no tempo, na viagem na casa dos tios, nos contos inicial e final do livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa. Neste artigo apresenta um recorte, portanto apenas a linguagem, os símbolos e a infância serão analisados. Presente a religião na cultura e a cultura na religião conforme Delfino (2012) destaca a importância das Irmandades do Rosário na construção de estratégias de sobrevivência e na reinvenção cultural da população negra no Brasil Colonial. Neste trabalho sobre a compreensão da religião como experiência vivida e simbólica a cultura e religião são destacadas assim como ocorre nos dois contos escolhidos sobre a infância.

2.2. Linguagem, símbolos e infância

O menino sonhava com a viagem, mas a viagem e o que viria também ao seu encontro, as surpresas e novidades pareceriam um sonho, “caso de sonho” (Rosa, 2001, p. 49). “A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelar-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não sabido, ao mais” (Rosa, 2001, p. 49). A linguagem de Rosa expressa a viagem de forma profunda como um raiar da verdade em estado de sonho, de alegria e cuidado, afago e proteção.

No primeiro conto, *As Margens da Alegria*, a linguagem aponta no início do conto para uma viagem esperada, sonhada, vivida como proteção, sonho, cuidado, esperança e afago: uma viagem feliz. Conforme Tillich (2009, p. 118) “o absoluto não se restringe a formas particulares de coisas ou experiência. Mostra-se presente ou ausente em qualquer situação. Brilha numa paisagem [...] dando-lhe profundidade de sentido”. Portanto, “a vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária” (Rosa, 2001, p. 49). A profundidade de sentido no raiar da verdade, percebe-se expressa na linguagem de Rosa. Mas também na paisagem descrita e da qual o menino se sente parte, de forma paradoxal surgem da observação do *móvel mundo*, mostrando-se como luz e às vezes



trevas: “a luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam” (Rosa, 2001, p. 50). Já no final do conto: *trevava*. Porém, surge a luz: “Voava, porém, a luzinha verde, [...]” (Rosa, 2001, p. 55). A Luz do vaga-lume surge à noite *trevava*; a intuição de um tempo novamente de paz e alegria sugere, a luz *verde*, uma esperança, ao final do primeiro conto.

No entanto, no último conto, a viagem é *íngreme partida*, o menino sabia que a mãe estava doente e conhecia o motivo de sua partida, não era realizada em estado de alegria, mas de forma íngreme, ou seja, difícil: “Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso - do horrível do impossível” (Rosa, 2001, p. 225). O afastamento era como um sofrimento, por isso precisava do brinquedo macaquinho e o menino “aturdido”, “cansado”, “fingia apenas que sorria”, “era uma íngreme partida” (Rosa, 2001, p. 224).

A linguagem e a figura do macaquinho remetem ao tempo da infância, dessa ligação com a mãe e indicam que a separação foi dolorosa. O simbólico companheiro, os brinquedos, vivências e experiências de Guimarães Rosa como ao se deparar com o tucano e expor em carta ao pai a beleza da ave... “a propósito dessa epifania, numa carta enviada a seu pai, datada de 5-7-58, Guimarães Rosa relata como ficou fascinado por um tucano, na segunda vez em que visitava Brasília [...]” (Castro, 1993, p. 58). Percebe-se que o autor, sua vida, família (ser um pai, avô) e profissão, viagens, leituras, encontro e gosto de estar em contato com a natureza e o tucano são presentes ao mesmo tempo tudo é recriado. Ele refaz pela linguagem de forma única as expressivas experiências vividas. A própria vida e descobertas do autor quanto à infância, o brincar, o tucano e sua visão são também de certa forma inspiração para sua criação, mesclada a filosofia e a teologia, as suas leituras diversas e viagens, experiências da vida de Rosa que serão na arte e na estória literária transformadas e expressas nos contos.

A partir das palavras do vocabulário, da linguagem do texto, percebe-se que apontam para o aspecto negativo nessa travessia no último conto, nessa peregrinação do menino, há ausência da alegria no início do conto. Neste começo, palavras sugerem a “íngreme partida” sensações de sofrimento e dor: “mordeu”, “choro”, “cansaço”, “entrara aturdido no avião” (Rosa, 2001, p. 224). “Ele mordeu seu coração. Nem quis falar com o macaquinho bonequinho. O dia inteiro serviu para fazer o espalhamento do cansaço” (Rosa, 2001, p. 227). O espalhar do cansaço, o que seria? Um cansaço que é espalhado é aquele que se encontra em todo o lado. Como os brinquedos das crianças se esparramam



pela casa, assim o cansaço, a tristeza, a dor no coração do menino se espalhava. E, após a separação do menino de sua mãe, ele sente o espalhar do sofrimento expresso neste cansaço. O morder o coração, um estado, um sintoma, de dor é manifesto nos sentimentos pois, “fingia que sorria” (Rosa, 2001, p. 224). Ao fingir sorrir, por dentro, em seu coração os sentimentos não eram de alegria, mas de dor, como uma mordida pode causar; no entanto, uma dor em seu interior, dentro do seu coração.

Pistas para a possível leitura da continuidade dos dois contos, se dão no espaço de sua viagem que é ascendente. O espaço era o mesmo. Também pelo olhar infantil do menino descobertas se farão nos dois contos, aparecerá a novidade, o diferente (a ave) no quintal. Vivida de forma positiva, de alegres novidades, a viagem ocorre no início do primeiro conto. Mas também ocorrem as descobertas da morte, pelo encontro com a finitude no mesmo espaço da casa dos tios e dessa mesma cidade.

No primeiro conto, Menino avista uma ave, depois, a morte da ave é descoberta. No último conto, a ave é outra, não é mais presa à terra, mas voa: o tucano. Assim, também há a descoberta do motivo da viagem: a doença da mãe no último conto.

Crescimento interior, conhecimento, tanto para o menino quanto para a tia e o tio e talvez também para a Mãe e para nós ocorre do primeiro conto até o último. O menino, apesar de ser o mesmo, possuía a experiência vivida no primeiro conto de algumas descobertas. Importa especificar o crescimento, ampliado com a palavra interior. A palavra interior pode esclarecer que é como ato de respirar que ocorre no interior, algo como *desconter-se*, soltar-se, libertar-se, exceder-se. Não é só crescimento de tamanho, ou da idade, ou do passar do tempo: “Assim um crescer e desconter-se - certo como o ato de respirar - o de fugir para o espaço em branco” (Rosa, 2001, p. 49). Rosa cria nessa frase um encantamento do tempo e do interior. O espaço em branco estará relacionado com a luz desse espaço em branco, com a claridade, conhecimento e o sagrado, pois será nesse encontro na viagem que é também com a divindade simbólica que o menino cresce em sabedoria. Uma sabedoria adquirida no tempo e espaço da sua pequena existência, no decorrer dos contos na linguagem de Guimarães Rosa, está presente essa expansão do olhar da criança para a vida.

Já Paul Tillich expressa que

quando buscamos os sentidos dos símbolos, logo percebemos que uma das funções da arte consiste em abrir níveis da realidade; a poesia, as



artes visuais e a música revelam níveis da realidade que não poderiam ser percebidos de outra forma (Tillich, 2009, p. 100).

Os símbolos abrem níveis da realidade como a poesia presente em João Guimarães Rosa, os símbolos como a luz apontam para sentido amplo, múltiplo que adquire a clareza na linguagem de Rosa, ao qual se pode ligar a religiosidade. “A dimensão da realidade suprema é a do sagrado. Assim, podemos dizer que os símbolos religiosos são símbolos do sagrado” (Tillich, 2009, p. 103). Em outros termos, é por meio da fé, experiência do estado de ser possuído pela *preocupação última* que acontece a união do ser com o infinito e faz do separado aceito - “a graça é, também, o amor que perdoa e aceita” (Tillich, 2009, p. 196). A experiência do sagrado, do infinito com o finito é experiência divina no coração humano de Menino que busca pelo olhar para o infinito transcender seus conflitos e crises existenciais, pois deseja a paz, a esperança, o amor fora da angústia do olhar da morte e da finitude. Ele deseja vislumbrar o infinito, o *dourado*, a *luz*. No livro *História do Pensamento Cristão*, Tillich esclarece sobre o conceito de *graça*: “a palavra ‘graça’ deve ser traduzida por poder divino de ser, ou poder do novo ser, que justifica ou santifica. [...] Essa graça, o poder divino do novo ser, é derramada pelos sacramentos na essência da alma, no seu mais profundo interior” (Tillich, 2000, p. 165). Menino supera seus problemas, no seu mais profundo interior, com amor. O amor possibilita a vida, nas quais as forças autodestrutivas são superadas. “O amor é a própria vida na sua unidade concreta” (Calvani, 2010, p. 185).

Conforme o filósofo e teólogo germano-estadunidense, a *graça* é o “poder divino de ser” (Tillich, 2000, p. 165) e está relacionada ao contexto da religião, aos sacramentos “o intelecto inclina-se a fé por meio da graça sacramental; a vontade dirige-se para a esperança; e o ser inteiro se volta para o amor”. Pode-se pensar uma bênção dada pelo poder divino na *essência da alma*, no interior profundo do ser. Já que “o amor é fonte de graça” é o que nos torna graciosos (Tillich, 2009, p. 196). Sendo assim, a graça como um *poder divino de ser*, mas também gratuita, ou seja, é fonte de graça, é dada possui, no conto, características da gratuidade e da religiosidade. Embora os contos selecionados para análise não tragam essa temática da religião de forma explícita, observam-se nesses cinco elementos estruturantes da narrativa (tempo, espaço, personagens, enredo, narrador), a possibilidade de abordar o tempo, a temporalidade, a finitude e a infinitude. Assim como, por exemplo, os símbolos apontam para outros níveis: luz, pássaro, o voo,



presença do amor, esperança e fé. “O transcendente absoluto está além de todos os símbolos que o representam. Tais símbolos são tomados de diversos materiais dados pela experiência” (Tillich, 2009, p. 103). Menino transita, viaja nesse espaço, no tempo, pelo horizonte, no espaço de avião e na natureza, no quintal e de jipe pelo lugar. Ao transitar é através do olhar do personagem que muitas descobertas são realizadas a partir da observação, da contemplação. O olhar é de Menino, de uma criança que se maravilha com as simples descobertas como a de um animal no quintal (tucano, vaga-lume, peru) ou de uma cobra ou árvore, a *preocupação última* manifesta-se por meio de símbolos. A ambiguidade da criação estética no encontro entre o eu e o mundo surge de forma potente, ocorre na linguagem de Rosa o paradoxo da vida presente nestes contos.

Em *Teologia Sistemática*, conforme Tillich aponta a ambiguidade da função estética: “um trabalho de arte é uma união entre o eu e o mundo dentro de limitações tanto da parte do eu quanto da parte do mundo [...] a ambiguidade da função estética é sua oscilação entre realidade e irrealidade” (Tillich, 1987, p. 434-435). Os contos expressam o encontro e a busca do ser humano no espaço do horizonte de sua existência no tempo, pelo olhar para o infinito nesta *união entre o eu e o mundo*. Para isso, será através da linguagem de Rosa que se aproxima de temas da filosofia, da teologia e da cultura relacionada à religião e por conceitos e palavras expressos em vocábulos e pensamentos do menino narrados em terceira pessoa pelo narrador. Esses pensamentos e reflexões dos pensamentos do menino expressos, seus sentimentos, emoções e pensamentos: “se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar” (Rosa, 2001, p. 255). “Tudo era todo, todo-o-tempo, mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca para a gente poder viver direito, concertado?” (Rosa, 2001, p. 225). Tudo era todo o tempo e também mais ou menos igual, mas as pessoas não. Menino não era mais igual... mudava nessa travessia da vida/existência, nessa viagem. O narrador expõe:

Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade [...]. (Rosa, 2001, p. 50).

O olhar *espiava*, as nuvens de amontoada amabilidade, amor, claridade vistas pelo olho infantil de descobertas e novidades, contemplação em um mundo diferente da correria do adulto.



Conforme Benedito Nunes, em *De Sagarana a Grande Sertão: Veredas*, entre 1956 e 1960, a

Natureza é um todo vivo e animado, interior e exterior ao mesmo tempo: o nasce, cresce e morre da *physis* grega. Os personagens vivem na sua proximidade, sintonizados ao movimento cíclico regente dos céus e da terra, à trajetória do sol e das estrelas (Nunes, 2014, p. 210).

Da mesma forma, os personagens rosianos não são apenas os seres humanos, mas se incluem, por exemplo: o personagem brinquedo macaquinho, o buriti, o peru, a árvore que, inclusive, *morrera tanto*, os pássaros, o par de garças, o tucano e outros. Eles aparecem e são parte da narrativa, da vida da família, da viagem do menino, de suas descobertas e surgem integrados na estória. Eles aparecem nos contos pertencendo à vida e à existência do infante. Esses personagens constituem a formação do entendimento de Menino (da criança) sobre a vida, e de algum modo eles participam do encontro dele com a sua própria existência, dando sentido à dor e ao amor. Esse olhar de transcendência e sabedoria dada à natureza é algo que faz lembrar São Francisco de Assis no *Cântico do irmão Sol*. Mas também outros pensadores, como por exemplo a questão do amor e da beleza na busca pela infinitude presentes no diálogo do livro de Platão, *O Banquete* e em Agostinho questões sobre o tempo, amor e a verdade. Tillich expõe que “a tradição agostiniana pode ser corretamente considerada mística, definindo-se o misticismo como experiência da identidade do sujeito com o objeto em relação ao Ser-em-si” (Tillich, 2009, p. 52). Deus está presente, onipresente, onipotente em tudo e na natureza. A *preocupação última* que a tudo pertence, poder divino e a luz resplandecendo que brilha no conto no cimo da tucaneira, ou na treva, com o vaga-lume.

No poema de Francisco e em Rosa há presença da natureza, claro e escuro, sentido da lua e do sol “irmão Sol, que clareia o dia e com sua luz nos alumia”⁷. Irmão Sol, metáfora da luz divina que a todos ilumina, *preocupação última*, presente e o símbolo da luz que clareia e aquece. Conforme Tillich (2000, p. 187) esclarece em seu livro *História do Pensamento Cristão*, sobre São Francisco e a natureza, Francisco inaugura um novo

⁷ *Escritos e biografias de São Francisco de Assis*. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 8ª Edição. Petrópolis: Vozes. 1997. *O Cântico do Irmão Sol* ou *Cântico das Criaturas* é uma obra literária, uma das primeiras em italiano antigo, importante documento literário da linguagem popular escrito por São Francisco de Assis, (1997, p. 71). Esse foi o primeiro texto em italiano antigo, ele foi apresentado a mim quando cursava literatura italiana I com a professora Regina na Universidade Federal de Juiz de Fora durante o curso de italiano.



relacionamento com a natureza e a partir do seu texto inaugura também a literatura italiana:

Vamos descrever, agora, essas duas ordens, a franciscana e as dominicanas, assim chamadas por causa de duas notáveis personalidades: Francisco de Assis e Domingos. Francisco continuava a tradição monástica de Agostinho e Bernardo. Como eles, acentuava a experiência pessoal, embora introduzisse a ideia da vida ativa em contraste com a contemplativa. Esse tipo de pensamento, desde o princípio, aproximava-se mais da mentalidade ocidental que oriental. Francisco inaugurou também um novo relacionamento com a natureza; não somente as ordens humanas hierárquicas pertenciam ao poder da vida divina, mas também o sol, as estrelas, os animais e as plantas (Tillich, 2000, p. 187).

Os *cimos* remetem ao encontro de uma criança com a luz, a fé, a esperança e o amor de forma ambígua, paradoxal na viagem da vida, na cidade e na natureza. O que também é expresso em Santo Agostinho, conforme Tillich (2000, p. 135): “Agostinho considera o homem fundamentalmente vontade, cuja substância é o amor”. Menino possui vontade de ver a mãe curada, bem, e o amor que une o separado é expressão também ao olhar para o seu entorno. Presença na natureza e sentimentos do menino que sente a dor de forma empática⁸ pela queda da árvore. “A árvore, que morrera tanto” (Rosa, 2001, p. 54); mas também, sente pelo fato da ameaça à vida do tucano, se revolta: “Não e não! - zangou-se, aflito” (Rosa, 2001, p. 231). A finitude será tematizada pela presença da morte da ave para ser servida no jantar de comemoração de aniversário do tio, o peru. A derrubada da árvore que *morrera tanto*. A árvore cortada revela o sentido de finitude e a morte da ave expressa a mudança no ambiente da cidade. Esse olhar de amor do menino pela vida de ambos como forma simbólica e relacionada a filosofia tillichiana na qual a esperança pode ser alcançada na busca pelo amor que é um dos caminhos para a transcendência e busca de sentido. Conforme os autores Martins e Torres (2024) o conceito de esperança como força transformadora em tempos de crise. A esperança pode ser vista não como passividade, mas como uma ação ética e ativa. É fundamental para

⁸ GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. Empatia, a partir do livro *Inteligência Emocional* de Daniel Goleman (2007, p. 126-127) expõe que: “a dor do outro é nossa. Sentir com o outro é envolver-se. [...] com um ano de idade, a criança se sente aflita quando vê a outra cair.” O menino sente a dor da árvore que morre, ao ser cortada. No conto ele é empático com a dor da árvore, com a mãe e o tucano, com toda a vida ao seu entorno.



enfrentar os desafios ambientais e sociais. Nesse caminho de ação ética e do cuidado com o animal tucano relacionam-se esperança e amor.

Além do amor, são importantes também esse amor ligado à contemplação, vivido em empatia com a vida ao redor, com a natureza, com a árvore e o tucano, mas também desse olhar de forma diversa do olhar de um adulto. O olhar infantil de Menino é relacionado à figura materna de cuidado, proteção, amor e união de forma mística com a natureza, com a mãe e com a divindade. Ele transcende pelo amor e pelo olhar, problemas enfrentados a partir da descoberta da finitude ao ver a queda da árvore cortada e a perceber a doença da mãe. A presença do tucano, da natureza e do sol, será como uma graça que o renova nas manhãs.

Segundo Tillich (2009, p. 196) sobre o amor: “o amor é fonte de graça. Aceita o inaceitável e renova o velho ser tornando-o novo. A teologia medieval quase identificava o amor com a graça, e estava certa. É o amor que nos torna graciosos”. O cuidado com o tucano e o tucano como um “brinquedo de graça” (Rosa, 2001, p. 232), a cada manhã traz esperança, fé e amor. O amor será o que tornará o menino gracioso em meio aos problemas existenciais, aos conflitos enfrentados. A palavra *brinquedo* e a expressão *de graça* surgem de forma que podem ser interpretadas. Elas representam a imaterialidade no mundo material, materialista: *brinquedo de graça* é o tucano, seu surgimento. Graça é vinda do céu, relacionada ao religioso, sendo o próprio brincar, o olhar que remete à dimensão graciosa do divino, livre de necessidades. A ave, o tucano representando, simbolizando algo expressivo, transcendente. Ela simboliza algo que vai além de um brinquedo, e que não é pago, mas também que não se toca, fica no alto, na claridade, não se engaiola, não se mata, nem fere, livre e surge na aurora, no dourado das manhãs e que possui um valor sem igual. Assim como o amor pela natureza, o amor do menino pela mãe, no conto o amor pela ave e amor pela família, a comunidade dele. Esse amor é demonstrado no comportamento de cuidado da tia e do tio por Menino e na relação dele com a natureza e com a mãe. O menino vive o amor no seu entorno e o cuidado com o que está ao redor é demonstrado em atos e sentimentos e palavras, seus atos são condizentes com suas palavras e pensamentos.

Ficará o tucano, após a partida das outras aves, e o menino “animoso de amar” (Rosa, 2009, p. 230), avistava-o todas as manhãs e não deixou o tio prender a ave. O amor e o cuidado presentes: “de repente, ouviu que, para consolá-lo, combinavam maneiras de



pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não! - zangou-se, aflito” (Rosa, 2001, p. 231). No cuidado empático do menino com a natureza, com a ave, o menino ensinava ao tio. Existiam coisas que Menino só poderia entender com o coração e com o coração também poderia ensinar. Ele ensina, transmite ao tio o não aceitar a violência, ensina a empatia, a paz e o cuidado, o amor. Ele *zangou-se, aflito* com a possibilidade de pegarem e machucarem o tucano. Uma aprendizagem para ambos, troca intergeracional, o diálogo ocorre entre os dois em que aprendizados, saberes são retomados, descobertos no percurso da estória. O tio no avião, no primeiro conto bem-humorado e solícito ensina ao menino: “Solícito de bem-humorado, o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento - bastando a gente premer manivela” (Rosa, 2001, p. 50).

O sentimento do *amor* no contexto materno, ou seja, em associação ao termo mãe, encaminha o pensamento para o amor e o cuidado simultâneo também com a natureza, da qual o menino é parte.⁹ A ave, o tucano, coopera, surge nas manhãs como a esperança, a graça. A figura da mãe doente e o desejo de Menino vê-la bem são expressos em palavras relacionadas com o sentimento relacionado ao vocábulo *coração*, no último conto. A ave é símbolo, a *graça* surge na luz das manhãs trazendo a fé, a esperança e o amor. “Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato. O hiato - o que ele já era capaz de entender com o coração” (Rosa, 2001, p. 232). “[...] A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração” (Rosa, 2001, p. 232). O coração, o transbordamento de emoções a vista do pássaro, é uma graça que brilha além daquele tempo de angústia ao pensar na doença da mãe, é a esperança, a fé e o amor expressos no coração. A palavra *coração* aponta para a graça e o amor. E em alguns momentos nos contos a infinitude é revelada em um transbordamento no olhar, na luz, na beleza e no dourado: “Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento” (Rosa, 2001, p. 51). “Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte” (Rosa, 2001, p. 229). “Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano - sem jaça - em vôo repouso e vôo. De novo, de manhã, se endereçando só aquela árvore de copa alta, de espécie chamada tucaneira. E dando-se o raiar do dia, seu fôlego dourado” (Rosa, 2001, p. 230). O belo surge nos contos narrados pela terceira pessoa do narrador que transmite

⁹ Cf. estudos da ecologia e literatura, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico (Glottfelty, 1996, p. xviii) o que no doutorado terá continuação este percurso da literatura com foco na ecologia.



a espera do menino: ele esperava pelo belo nas manhãs e no dourado ele surgia, o tucano na alta árvore.

Ainda no último conto: “o Menino em seu mais forte coração, declarava, só: que a Mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva” (Rosa, 2001, p. 231) o *coração*, o amor, são sinais dessa graça que surge também em vocábulos que remetem à infinitude, ao amor, à esperança. Exemplo: “animoso de amar” (Rosa, 2001, p. 230); “brinquedo de graça” (Rosa, 2001, p. 232), “teimoso de só amor” (Rosa, 2001, p. 231). No último conto os vocábulos *amar* e *graça* indicam a religião nos contos de forma simbólica. O menino ainda com o coração sente desamparo, se angustia diante do encontro com a ave e a morte, como finitude. No segundo conto, o tucano surge como um amparo, uma esperança, amor. Separado da mãe, Menino, nessa ambiguidade, sente a luz, vislumbra a fé, a esperança da cura e da união e a superação da situação conflituosa por meio do amor, já que a alegria não será possível o tempo todo, a paz na claridade, na luz brilha no cimo. Pois já a paz é possível na viagem mesmo em meio à dor de seu coração.

No livro *Amor, Poder e Justiça* aparece, em *Uma Ontologia do Amor* que o “Amor é unir o que está separado” (Tillich, 2004, p. 35). E ainda expõe sobre o amor de que

há uma profunda ambiguidade sobre essa experiência. Amor vivenciado é, ao mesmo tempo, a felicidade extrema e o fim da felicidade. A separação está dominada. Mas sem a separação não há amor e nem vida. (Tillich, 2004, p. 37).

Nesse sentido, o “amor é fonte de graça” e é o que nos torna graciosos (Tillich, 2009, p. 196). Tillich expõe a importância do amor em seu livro *Teologia da Cultura* e também em outros, como *Amor, Poder e Justiça* e *Teologia Sistemática*. Em *Teologia Sistemática*, Paul Tillich, sobre fé e amor, esclarece que:

a “união transcendente” responde à questão geral implícita em todas as ambiguidades da vida. Aparece no espírito humano como movimento extático que, a partir de um ponto de vista, é chamado de “fé” e, a partir de outro [...] é chamado de “amor” (Tillich, 1987, p. 484).

Importa novamente retomar brevemente os temas da fé e do amor para a relação com a linguagem de Rosa em que a ambiguidade da religião e da vida é apontada, mas tendo o amor o papel que irá unir os separados. No entanto, ao mesmo tempo que é fonte de graça e nos torna graciosos segundo Tillich, o amor vivenciado é a felicidade extrema



e o fim da felicidade. “A separação está dominada. Mas sem a separação não há amor e nem vida” (Tillich, 2004, p. 37).

Paulo Rónai (2001, p. 23) expõe que a mensagem do conto é de “otimismo e de fé”. O autor, no prefácio do texto, ao citar os dois contos, explicita que:

pela sensibilidade de um menino, com o pensamentozinho “ainda na fase hieroglífica”, os grandes problemas existenciais do bem e do mal, e, através da sua decifração é transmitida uma mensagem de otimismo e de fé (Rónai, 2001, p. 23).

Ou seja, a *preocupação última*, e os grandes problemas existenciais do bem e do mal, o amor, a fé, o estado em que a *preocupação última* se expressa na existência humana, não só em âmbito sagrado, mas também profano, pela ótica de Tillich, pode-se perceber que aparecem nos contos na viagem de Menino. São expressos em seus pensamentos contados pelo narrador. Fé e dúvida caminham na existência do menino em questões últimas. “Embora a fé seja questão de destino e decisão, podemos perguntar qual seria o critério para essa decisão. A resposta é a seguinte: o critério é o incondicional em nossa consciência, quando pensamos nele” (Tillich, 2009, p. 67). Misturam-se filosofia e religião, poesia e teologia, mito, choro e alegria na escrita, na arte literária de Rosa de contar histórias. As notícias sobre o estado de saúde da mãe da criança vinham por um meio de comunicação que hoje já não se usa, o telegrama avisará e será apontado na face do tio o que diz o texto:

o Tio, recebido um telegrama, não podia deixar de mostrar a cara apreensiva - o envelhecimento da esperança. Mas, então, fosse o que fosse, o Menino, calado consigo, teimoso de só amor, precisava de repetir: que a Mãe estava sã e boa, a Mãe estava salva! (Rosa, 2001, p. 231).

Em outro telegrama: “Ao quarto dia, chegou um telegrama. O Tio sorriu, fortíssimo. A Mãe estava bem, sarada!” (Rosa, 2001, p. 232). Assim, os contos, a literatura, a linguagem, a arte de Rosa, podem expressar as descobertas e os encontros, pelo olhar infantil, do que é infinito, transcendente: a esperança, a fé, a *preocupação última* na vida de uma criança. Este olhar de criança para a finitude: a morte da ave, o bem e o mal, a descoberta da doença da mãe, mas também o amor, o tucano, experiências que há no coração. O amor, a fé, a esperança, o cuidado na existência do Menino se expressam nas falas do narrador de terceira pessoa: “só aquele ficará, porém, para cada



amanhecer (...) o Menino apressuradamente se levantava e descia ao alpendre, animoso de amar” (Rosa, 2001, p. 230). O Menino com esperança e amor em “seu mais forte coração, declarava, só: que a Mãe tinha de ficar boa” (Rosa, 2001, p. 231).

A linguagem de Rosa, em que o macaquinho cria vida, figura de linguagem chamada prosopopeia ou personificação, atribui a seres inanimados características humanas. Surge como companheiro dessa solidão e separação do menino. “Não, o companheiro Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro do mundo, nem nunca” (Rosa, 2001, p. 233). A criança tinha por companheiro o brinquedo Macaquinho com letra (M) maiúscula, não era um qualquer brinquedo, um macaquinho qualquer, era escrito com maiúscula, indicando sua importância. Existe uma comunidade à qual Menino se ampara, o brinquedo faz parte, a natureza é parte, os tios e o espaço com a mata e árvores, não está só.

Ao analisar as personagens, Menino, escrito com a letra (M) maiúscula, assim como as personagens Tio, Tia, Mãe, talvez pela possibilidade de terem características universais, surgem em maiúscula, também pela sua importância, família, por serem únicos, indivíduos, gente, humano e mesmo que não nomeados, em meio à multidão da cidade, são com suas histórias e suas vidas representantes dos seres humanos e imprescindíveis na relação com a criança. O macaquinho é humanizado, amado, querido e companheiro como alguém familiar. Contudo, apesar de querido, Menino o perdeu. As suas experiências e descobertas importam no existir. O seu brinquedo ficará na casa dos tios, não estava mais em seu bolso. O companheiro é aquele que o acompanha. Acompanhando-o nas horas que viveu a angústia de saber da mãe doente, mas também na aventura de passear na casa do tio, de ver o tucano na copa da árvore e no passeio de jipe. Assim, Menino imagina o brinquedo Macaquinho companheiro, passeando ainda na casa e não perdido. Mas não era apenas um brinquedo para o menino: “Mas bonequinho macaquinho não era mais o para a mesa de cabeceira: era o camarada, no travesseiro, [...]” (Rosa, 2001, p. 227). O brinquedo mais que um brinquedo era companheiro de Menino, “companheiro bonequinho macaquinho” (Rosa, 2001, p. 229) que dormia no quarto, na cama e no travesseiro dele. Macaquinho não ficava na mesa ao lado da cama, mesa de cabeceira, mas dormia junto dele na intimidade e convívio de Menino.



Considerações finais

Podemos dizer que a *preocupação última* se manifesta não somente na forma explícita, mas também implícita, não somente em ambiente religioso, mas também profano, na cultura, na arte, seja ela música ou literatura. A profundidade da vida na alma humana se expressa pela experiência do sagrado procurando manter essa profundidade e o sentido de nossa existência, também pelos símbolos como no conto a presença do tucano, a ave de forma simbólica, um animal que surge nas manhãs no alto de uma árvore. A religião se mostra na filosofia, na teologia, na *preocupação última* na linguagem literária de Rosa nos contos, primeiro e último do livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa. A ocular especial de Tillich auxiliou a análise dos contos de Rosa nesta pesquisa, que se utiliza da compreensão de religião como *preocupação última*, *ultimate concern*.

Percebe-se a necessidade para este estudo apresentado em Ciência da Religião, na área de filosofia da religião, da própria filosofia, mas também de conhecimentos de outras ciências como a teologia e a literatura. Há a importância da arte e da cultura na relação com a religião, na multidisciplinaridade dos estudos da religião. Nota-se como importante a relação entre cultura e religião que tanto é explicitada e apontada por Tillich em toda a sua obra. As relações simbólicas trazidas pela linguagem literária de Rosa colocam o leitor em diálogo com as questões filosóficas da finitude humana e da infinitude, da transcendência na existência do olhar infantil.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *Céu e Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.

BROWN, D. Mackenzie et al. *Ultimate Concern: Tillich in dialogue*. Londres: SCM Press, 1965.

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. A teopoética de TS Eliot—Considerações sobre the Magi. *Teoliterária*, São Paulo, v. 12 n. 26, p. 12 - 30, 2022. *Temas de Teologias e Literaturas*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/57523>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

CALVANI, Eduardo Carlos. *Teologia da Arte*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.



CASTRO, Dácio Antônio de. *Primeiras Estórias roteiro de leitura*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

DELFINO, Leonara Lacerda. O ethos caritativo e o parentesco ritual entre os confrades do Rosário: possibilidades de uma abordagem comparativa entre as irmandades negras urbanas e rurais (Séc. XVIII e XIX). *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 56-75, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26585>. Acesso em 12 de maio de 2022.

ESCRITOS e biografias de São Francisco de Assis: crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction: Literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (org.). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens: University of Georgia Press, 1996. p. xv-xxxvii.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

GROSS, Eduardo. O conceito de Religião em Paul Tillich e a Ciência da Religião. *Correlatio*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 59-76, dez. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/121018360/O_Conceito_de_Religião_em_Paul_Tillich_e_a_Ciência_da_Religião. Acesso em: 02 jun. 2021.

HIGUET, Etienne Alfred. As relações entre religião e cultura no pensamento de Paul Tillich. *Correlatio*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 123-143, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/37613191/As_relções_entre_religião_e_cultura_no_pensamento_de_Paul_Tillich_The_relations_between_religion_and_culture_in_Paul_Tillich_s_thought. Acesso em: 03 out. 2021.

HIGUET, Etienne. Atualidade da teologia da cultura de Paul Tillich. *Correlatio*, [S. l.], v. 18, n.2, p. 11-25, 2019. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/correlatio/article/view/4455>. Acesso em: 04 mai. 2026.

HIGUET, Etienne. Notícias. *Correlatio*, [S. l.], v.20, n.1, p. 381-386, jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/correlatio/article/view/4400>. Acesso em: 04 mai. 2026.

HIGUET, Etienne Alfred. Os métodos da filosofia da religião de Paul Tillich. *Correlatio*, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 27 - 41, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/37613138/Os_m%C3%A9todos_da_filosofia_da_relig%C3%A3o_de_Paul_Tillich_The_Methods_of_Tillich_s_Philosophy_of_Religion. Acesso em: 11 de mai. 2026.

MARTINS, Presley. H.; TORRES, Jungley. Religião e direito à esperança no Antropoceno. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 21, n. Edição Especial, p. 14-32, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/46142>.



Acesso em: 23 abr. 2026.

NUNES, Benedito. *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RE MANNING, Russell. The Religious Meaning of Culture: Paul Tillich and Beyond. *International Journal of Systematic Theology*, New Jersey, v. 15, n. 4, p. 437-452, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/ijst.12020>. Acesso em: 10 out. 2021.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 3, n. 2, p. 31-41, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21717>. Acesso em: 30 set. 2020.

ROCHA, Viviane de Sousa. As veredas, o sertão, a vida: a dinâmica da fé de Riobaldo a partir de Paul Tillich. *Correlatio*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 273-289, 2021a. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/correlatio/article/view/4393>. Acesso em: 03 mai. 2022.

ROCHA, Viviane de Sousa. A concepção da fé em Paul Tillich [Resenha do livro *Dinâmica da Fé*, de Paul Tillich]. *Correlatio*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 373-380, 2021b. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1036451>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RODRIGUES, Camila. *Escrevendo a lápis de cor: infância e história na escritura de Guimarães Rosa*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08012015-181751/pt-br.html>. Acesso em: fev. 2021.

RÓNAI, Paulo. Os Vastos Espaços. In: ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TILLICH, Paul. *Amor, Poder e Justiça*. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da Fé*. São Leopoldo, RS, Brasil: Editora Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Aste, 2000

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.



TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Paulinas/Sinodal, 1987.

TILLICH, Paul. *Theology of Culture*. New York: Oxford University Press, 1959.

TEIXEIRA, Faustino. A substância católica e as religiões. *Correlatio*, São Bernardo do Campo, n. 10, p. 30-44, nov. 2006. Disponível em:
<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/COR/article/viewFile/1711/1701>. Acesso em: 20 set. 2020.

ZILLES, Urbano. Situação Atual da Filosofia da Religião. *Revista Trimestral de Teocomunicação*, Porto Alegre, v.36, n.151, p. 239-271, 2006. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1676>. Acesso em: 12 out. 2020.